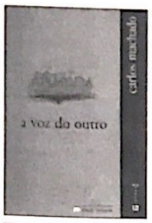
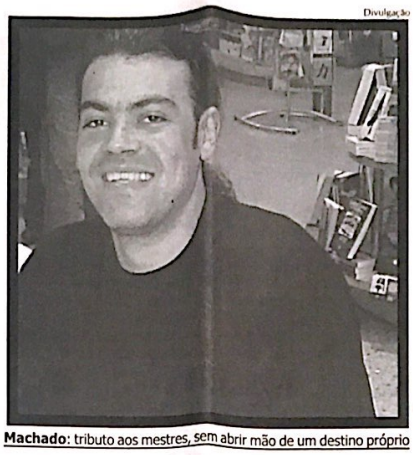
NO VÔO DO



A voz do outro
Carlos Machado
7 Letras
94 págs.

Divulgação



Machado: tributo aos mestres, sem abrir mão de um destino próprio

Curitiba aparece em vários contos como o espaço principal por onde circulam seres desajustados e personagens leitores a confundir a vida e a arte, espaço quase sempre de pesadelo e sonho.

MANDARIM

A VOZ DO OUTRO, DE CARLOS MACHADO, DEVE SER LIDO COMO SE FOSSE UMA CAIXA DE RESSONÂNCIAS

Paulo Sandrini
Curitiba – PR

O novo escritor chega, não pede licença, circula discretamente pela sala onde acontece uma reunião de escritores consagrados, deixa seu livro em cima da mesa de centro e desaparece; e quando a festa dos mestres termina — depois de algumas trocas de tapas, grosserias, afrontas intelectuais cheias de afetações, descasos de pura inveja e outras indisposições (tudo isso também faz parte da literatura) —, nós passamos para fazer a faxina e então encontramos o tal livro, que repousa ao lado dos cinzeiros abarrotados, dos copos vazios e, visto a preguiça que nos acomete só de pensar em limpar tanta sujeira deixada pelos mestres, nós, desanimados e absortos, pegamos o tal livro e, quando percebemos, a leitura foi concluída numa só tacada. Ao fechar o livro, e só depois disso, é que a gente lê o nome do autor e descobre que é obra de um estreante. A surpresa maior se dá quando concluímos que o novo autor, logo de cara, preenche os requisitos básicos para ser tornar um daqueles escritores de quem a gente já espera por um próximo trabalho. Ou seja, ele fabula, usa de inventividade, põe lenha no imaginário, tem ritmo, ironia, lírica bem dosada e faz um questionamento sobre a existência de modo alegórico, manuseando criativamente símbolos e parábolas.

Ficha do penetra: Carlos Machado, 27 anos, curitibano, professor de literatura brasileira, estréia com **A voz do outro**, editado pela 7 Letras em projeto gráfico simples, mas de bom gosto.

São vinte contos curtos em que, pela fluência demonstrada, o escritor parece ter escrito, cada um, numa só puxada de fôlego; no entanto, isso não denota uma escrita automatizada, ao contrário, as narrativas porejam elaboração prévia. Curitiba aparece em vários contos como o espaço principal por onde circulam seres desajustados e personagens leitores a confundir a vida e a arte, espaço quase sempre de pesadelo e sonho. Porém, nada dessa Curitiba remete àquela provinciana, trevisanesca; é uma Curitiba que poderia ser qualquer outra metrópole moderna, onde os anônimos, até então perdidos na multidão (referências ao homem das multidões de Poe e ao *flâneur* de Baudelaire), deflagram situações e comportamentos dos mais insanos. Obsessão, dissimulação, sadismo e necrofilia surgem como traços marcantes nos contos *O homem com um longo bigode* (que abre o livro), *Sopro* e *A voz do outro*. Mais adiante esses traços recrudescem junto à esquizofrenia em *'Kultur'* e em *A voz do mesmo*, em que novamente o cadáver (a voz calada do outro) proporciona o gozo final. Mas não é só do hediondo, do brutal, que se alimenta **A voz do outro**. O lírico reverbera em *Ramos de rosas*, metáfora sobre a Palavra e a comunicabilidade (ou ausência dela) entre os homens; é um dos pontos altos do livro justamente por inaugurar uma linha temática de caráter filosófico, que ressurge ainda em *A colina* (em que os personagens partem em busca de uma cidade "do outro lado", "além dos muros", parafraseando **As cidades invisíveis**, de Italo Calvino) e em *Absurda angústia*, que retoma a metáfora da travessia (agora parafraseando o Beckett de **Esperando Godot**) numa recusa a explicar a existência através do racionalismo. Aqui, Carlos Machado relativiza o *cogito*, desconstrói de vez a realidade para erigi-la novamente em alegorias e metáforas das mais expressivas e cativantes.

Este **A voz....** deve ser lido (e ouvido) como se fosse uma caixa de ressonâncias ou mesmo uma cabeça atormentada por vozes de outros: Poe, Noll, Florbela Espanca, Kafka (**A metamorfose** parafraseada em *Lepidóptera*) e Dalton Trevisan. E isso, que bem poderia tornar a obra enfadonha e pernóstica (caso de tantos escritores que vivem por aí a querer elevar o nível de suas obras promovendo diálogos e encontros com outros autores bem mais talentosos do que eles), no entanto, é o que dá o cinetismo, o movimento que nos impulsiona a seguir com a leitura. *Em busca de um vampiro escondido* traz um Dalton que literalmente bate asas no final para desaparecer, "A mulher abre uma das janelas da boate. O animal dá algumas voltas por ela antes de desaparecer pela fresta: o dia está nascendo". Entretanto, esse desfecho poderia ter fugido ao previsível, evitando a figura do morcego como metáfora das famosas saídas pela tangente de Dalton Trevisan. É que, se comparado aos bons desfechos dos outros contos, esse fica a dever.

Há ainda lugar para as mazelas sociais. Mas se engana quem pensa que o autor iria narrá-las deixando-se contaminar totalmente pela crueza do neonaturalismo, esse celerado que vem fuzilando e esfaqueando na jugular a dádiva da fabulação na ficção brasileira. Em *Carícias*, Aninha tem sua família assassinada dentro de um barraco da Vila Pinto, uma das mais notórias favelas da capital ecológica; no entanto, o autor lança mão do onírico e do poético para narrar um caso hediondo, o que intensifica o tom dramático e psicológico do texto, matizando-o de outras cores e possibilidades para a abordagem dos temas sociais na literatura atual. Há ainda uma forte crítica às narrativas de violência urbana no último conto, *Vivas lembranças mortas*, que traz a história de um professor de sociologia, reconhecido e bem integrado à vida social, "adorado por todos e todas", que num dia de fúria, "não esperamos esse tipo de atitude de ninguém, mas acontece", acaba por assassinar o amigo, que é o próprio narrador. O professor, ao se mudar de sua chácara para a metrópole, não se adapta ao ritmo urbano e começa a mudar de comportamento, essa transformação culmina num crime brutal, com o narrador a detalhar o próprio assassinato em todos os seus requintes de crueldade, "O golpe derradeiro foi quando enfiou a bengala no espaço que havia aberto na minha cabeça, onde até dava para ver o cérebro", ou ainda, "...começou a me espancar, cada vez com mais força, com a bengala e com o pé, até tirar um pedaço do meu couro cabeludo...". Pouco depois de ter jogado o leitor nesse ambiente de atrocidade, o narrador encerra, com ironia: "Bem, agora você pode virar-se do lado que melhor lhe convir e dormir. Perdoe-me a intromissão e a falta de tato".

Enfim, com esse livro de estréia, Carlos Machado deixa seu tributo aos mestres, mas não abre mão de um destino próprio. E quando o assunto é literatura feita em Curitiba, sobre a qual muitos insistem em dizer que o vampiro Dalton lança uma sombra inexorável e inexaurível, é possível dizer também que com este **A voz do outro**, Carlos Machado assesta seu holofote contra essa temida sombra e desse modo vai abrindo passagem para uma outra Curitiba, estranha e densamente habitada por seres de alta periculosidade criativa como Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier, Jamil Snege, Wilson Bueno e Luci Collin. Seres esses, também, sempre dispostos a fazer o lado monocórdico de Curitiba desaparecer do mapa, como no conto *Sopro*: "Subi em cima do Mandarim com muito cuidado para não machucar suas pequenas asas. Ele voou. Ficamos escondidos entre as nuvens. Lá de cima acionei o botão e vi: toda a cidade desapareceu".

PAULO SANDRINI é escritor e designer gráfico.
Autor de **O estranho hábito de dormir em pé**.

lusco-fusco

Esse é o seu momento favorito: a tardinha, quando o sol se recolhe timidamente diante da presença da noite, entontecendo o ar com um enervado tom lusco-fusco. Sensação de mentira. Ele sempre conta com essa atitude do dia para sentir-se livre de toda a verdade do mundo. Todo dia por volta das seis horas da tarde, ele achega-se em seu velho pufe - com vista para a rua - carregando seu eterno cigarro na boca, e fica a observar o caminhar da cidade esvaindo-se juntamente com o dia. As pessoas perdem-se umas nas outras, todas viram um único corpo que dança pelo mesmo caminho até seu fim. Hoje, o homem está acompanhado de seu poema de mais gosto. De sua janela não vê nenhuma tabacaria, mas os turvos passos da praça Osório movendo vidas e mortes. Ele deita os olhos sobre a passarela da não-existência. Observa-a por horas. Esfria-se com a sua presença, não agüenta mais respirar. Falhou em tudo. Sonhou conquistar o mundo: nada conseguiu! Sufoca-se dentro de sua casa.

Levanta-se abruptamente, deixando seu livro aberto sobre o sofá, e caminha até sua biblioteca. Palavras, elas dão vida à sua febril desistência. O homem corre os olhos pelas inúmeras capas e escolhe a Florbela. Lê: "... Sobre um sonho desfeito ergueu a torre/ Doutro sonho mais alto e, se esse morre./Mais outro e outro ainda, toda a vida!/ Que importa que nos vençam desenganos/ Se pudermos contar os nossos anos/ Assim com degraus duma subida?" Com isso, logo entende que é chegada a hora de terminar de construir sua torre babélica. Num ímpeto quase infantil, ele desliza seus braços pelas estantes onde guarda os livros, derrubando, lentamente, um a um no chão. Depois, carrega-os até a janela e começa, deliberadamente, a soltá-los e vê-los sangrar no chão. São muitos. A luz do dia já está toda tomada pela noite e o bale de pessoas cessara. O homem sente borboletas em seu estômago que parecem querer sair pelos seus ouvidos. São muitas asas barulhentas. Ele escuta muitas vozes saindo de seus livros: todas lá fora chamam por ele. Rapidamente, depara-se com a porta aberta e o elevador à sua espera. Sem pestanejar, desce e vai até onde estão as vozes a chamá-lo. Florbela diz a ele que é preciso construir sua torre.

O homem apressa-se em carregar os primeiros livros para o meio da praça: edifica os primeiros degraus. Sobe. De lá, ele enxerga sua infância. Sim, tem saudades daquele tempo que tinha vida, tinha a irmã, a mãe, o pai. Amava-os todos e de todos recebia amor. A ingenuidade lhe ofuscava a vista para o mundo que existia lá fora. Nesses primeiros degraus, o homem ouve uma triste canção saindo dos livros: ao seu lado, um poeta chora a infância querida que os anos não trazem mais! É o mesmo choro que ele queria chorar. Criou-se um clima fúnebre no início de sua torre. Porém, algum tempo depois, pediu licença ao poeta e foi em busca de mais escritos, deixando a (triste?) infância para trás. Aumentavam os degraus de sua (moribunda) vida. Chegou à metade: não tinha mais a irmã, não tinha mais os pais. Já sentia a vontade de parar a música. Encontrou a literatura. Tornou-se ela. Ouve bem baixinho o barulho cortante de um carro encontrando um caminhão. Chora. O homem desespera-se a cada passo que da em sua torre, quer o desfecho. Falta-lhe o ar. Do alto avista os últimos livros no pé da torre. Ele sabe que eles são o fim de tudo, precisa alcançá-los de qualquer forma. Equilibrando-se nas orelhas dos livros, já alçados como degraus, desce para eles. Logo que começa a escalada final, lembra-se daquele que estava a ler no lusco-fusco, de modo que volta ao seu apartamento para vê-lo. Quando o encontra caído no pé do sofá, depara-se com a torre pela janela. Vai até ela. Do lugar que está, consegue ver que em seu topo diversas vozes estão a chamar pelo seu nome. Querem-no lá em cima para concretizar sua vida. Sente vertigem. O espelho lhe revela a falta de identidade, tudo que vê é a ausência de sua existência. Triste fim. Ele apanha o livro aberto do chão e lê uma última frase: "Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?" Tudo que ele é, parece ter sido dito nos livros. Ele é todos. Ele é ninguém. Ao tirar os olhos de seu derradeiro livro, o suor lhe esconde a visão. Lusco-fusco. Segurando o livro em uma mão e tateando, cuidadosamente, as paredes de seu apartamento com a outra, o homem percebe a saída e entra no elevador. Chega ao pé da torre, acolhe os livros que faltam e retoma a subida que iria dar início ao desfecho do que tinha sido sua (mísera) vida. Do bolso de sua camisa, tira um cigarro e um isqueiro. Acende-o. Exala a fumaça. Durante o caminho, as vozes teimam em acompanhá-lo até o último momento. Pelo menos sua solidão ainda é combatida pelos livros, até nesses últimos passos. Próximo ao fim, sua visão dá o ar da graça: é preciso estar lúcido na hora da morte, alguém lhe diz. Chega ao ponto mais alto. Pela primeira vez, vê, ao mesmo tempo, todos os cantos da cidade lhe sorrindo. Todas as vozes emudecem. Silêncio. O homem deita o último livro sobre os outros e antes que pudesse entender a verdade sobre sua vida, exaure-se com uma profunda tragada em seu cigarro e, lá do alto de sua Torre de Babel, atira-se para a morte.

o conto lusco-fusco pertence ao livro **A voz do outro**.

Digitalizada com CamScanner